

➤ **A expansão de sentidos do verbo ficar e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações.**

Profa. M. A . Roza Maria Palomanes Ribeiro

Doutoranda em Lingüística UFRJ

1. INTRODUÇÃO

A Lingüística Cognitiva é uma corrente teórica recente e ainda pouco conhecida no Brasil, no entanto, apesar disso constitui hoje um verdadeiro paradigma. Uma de suas principais bandeiras é a motivação semântica das estruturas gramaticais. Consiste, sobretudo, numa visão bem específica de como a linguagem é motivada pela cognição: a função cognitiva da linguagem passa a constituir o objeto de uma investigação sistemática e coerente.

Para esta corrente teórica, a existência de palavras polissêmicas demonstra existirem relações sistemáticas entre diferentes modelos cognitivos ou entre elementos de um mesmo modelo, i.e, uma mesma palavra pode ser usada para diferentes conceitos pelo fato de já formarem uma categoria dentro do sistema conceitual. Esses sentidos mantêm relações entre si por meio de processos como a metáfora e a metonímia.

A polissemia aponta para a verdadeira função do léxico, que é dar suporte à organização do sistema conceitual. O essencial no fenômeno da polissemia está no fato de os vários sentidos para a mesma palavra estarem relacionados entre si, direta ou indiretamente.

1.1. Pressupostos teóricos

A elaboração deste estudo centra-se na existência de acepções para um item específico – o verbo ficar. E as concepções da Lingüística Cognitiva dão suporte teórico a este trabalho. Tais concepções são compatíveis com nossas idéias sobre o funcionamento da linguagem e a primazia do significado lingüístico: para a Lingüística Cognitiva, a questão básica é exatamente a da significatividade – expressões lingüísticas são ligadas a conceitos e modelos cognitivos do sistema conceitual, tornando-se significativas por sua ancoragem na experiência do ser. É o princípio da escassez do significante (Salomão: 1999), segundo o qual o significante apenas guia complexas operações mentais das quais resulta o trabalho da interpretação.

Como é objetivo geral do presente estudo evidenciar o alcance da perspectiva cognitiva em Semântica, começamos por apresentar a Lingüística Cognitiva, expondo, resumidamente, seus princípios e fundamentos teóricos:

- 1) A linguagem está intimamente ligada a outros domínios cognitivos, havendo, pois, necessidade de investigação interdisciplinar;
- 2) A estrutura lingüística depende da conceptualização, que por sua vez, é condicionada pela experiência de mundo do falante;
- 3) As unidades lingüísticas estão sujeitas à categorização e são tipicamente polissêmicas.
- 4) A gramática é motivada por aspectos semânticos.
- 5) A significação de uma unidade lingüística é uma estrutura conceptual convencionalmente associada a essa unidade.

Lakoff e Langacker figuram no rol dos autores mais representativos da semântica cognitiva. A semântica lexical numa abordagem cognitiva toma, principalmente duas formas: a teoria da categorização ou do protótipo (como também é conhecida) e o papel dos modelos cognitivos baseados na experiência humana. Dos estudos de Lakoff que contribuíram para nosso trabalho destacamos categorização, efeitos de prototipicidade e tipos de protótipo; metáfora e metonímia; e polissemia e estrutura radial das categorias. De Langacker retiramos as noções de perspectiva, escopo e recorte.

O conceito de “semelhança por familiaridade”, muito citado em nossa análise, foi extraído de Wittgenstein (1953) e significa que os elementos de uma categoria se associam entre si na base de similaridades parciais, i.e., cada elemento pode partilhar 1 propriedade com um outro, sem ser necessário haver sequer 1 única propriedade comum a todos os elementos.

Lakoff (1987) apresenta a Lingüística Cognitiva, contrapondo-a ao Realismo Objetivista que concebe a relação linguagem/conhecimento de um pretense modo correto e único de captar o que existe na realidade, sem levar em conta as características do organismo humano. Essa perspectiva objetivista está especialmente vinculada à Teoria Clássica da categorização, segundo a qual as categorias existem efetivamente, sendo determinadas por um conjunto de propriedades objetivamente partilhadas por seus membros, que seriam condições necessárias e suficientes para a sua definição/classificação.

São temas de especial interesse da Lingüística Cognitiva as características estruturais da categorização lingüística, como, por exemplo, a polissemia.

A Lingüística Cognitiva considera a polissemia um fenômeno esperável, resultante dos processos de motivação cognitiva, como a metáfora e a metonímia. Esses são dois importantes processos cognitivos que, no nível lexical, são responsáveis por estender semanticamente os itens lexicais a outros significados. A Lingüística Cognitiva atribui a eles uma função cognitiva, concebendo-os como um recurso que a linguagem possui a seu alcance como dispositivo de expressão. A metáfora, assim, é admitida como um processo cognitivo que se baseia numa relação de similaridade, enquanto a metonímia é baseada numa relação de contigüidade.

1.2 Metodologia utilizada

O primeiro passo do trabalho foi verificar as acepções do verbo ficar presentes no corpus Discurso & Gramática – seção Rio de Janeiro. Embora o corpus apresente a produção oral e escrita de informantes de 1º, 2º e 3º graus de escolaridade e de CA supletivo e infantil, só nos interessou utilizar a produção oral dos informantes com 1º, 2º e 3º graus de escolaridade.

Analisamos a fala de 68 informantes do corpus. 33 são alunos da 4ª série do 1º grau, 12 dos informantes são alunos da oitava série do 1º grau, 15 são do 2º grau e 8 de 3º grau.

Escolhemos a modalidade oral por representar um discurso próximo do espontâneo e não-planejado, e tais níveis de escolaridade, por serem mais adequados aos nossos propósitos, já que buscamos dados que nos parecem mais comuns entre informantes pré-adolescentes a adultos jovens. Essa escolha nos permite um levantamento das variadas acepções do verbo ficar, sobretudo no que se refere aos usos novos, que são mais detectados na linguagem oral dos informantes com esse perfil.

2. RESULTADOS ANALÍTICOS

Fundamentados nas concepções da Lingüística Cognitiva, procuramos detectar que relações unem as diversas acepções que o verbo ficar apresenta. Após um levantamento das acepções do verbo no corpus[1], foi feita uma divisão de acordo com as especificidades de cada acepção como demonstrado a seguir. Para facilitar a análise das diversas acepções do verbo ficar, fizemos uma divisão das acepções encontradas no corpus em grupos menores, que abarcam conjuntos de sentido que apresentam, por um lado, traços comuns entre si e, por outro, traços que os diferenciam dos demais grupos.

O Quadro a seguir sintetiza os grupos de sentidos encontrados:

GRUPO SENTIDOS	DE	CARACTERÍSTICAS DO GRUPO	ACEPÇÕES
1		<p>Indica idéia de permanência:</p> <p>a) no espaço: com valor essencialmente de verbo estático.</p> <p>b) no tempo;</p> <p>c) em relação a domínios mais abstratos</p>	<p>Acepção 1 (estacionar em algum lugar; não sair dele; permanecer),</p> <p>(1) sueca é divertido por causa disso... né? uma dupla perde... aí entra outra... e... sempre fica:/ eu sempre fico na mesa... porque eu sempre ganho no jogo</p> <p>Acepção 2 (estar situado),</p> <p>(2) a televisão fica assim num canto em cima... aí tem o som também que fica embaixo da televisão...</p> <p>Acepção 3 (restar; sobrar),</p> <p>(3) aí... entrou falando... né? de... de criação... eh... eh... “que Deus tinha criado a mulher... que é pra... procriar...” eu falei “pô... se ele não tivesse criado o homem também não tinha ((riso)) não tinha adiantado nada...” entendeu? e inclusive tinha uma garota na roda falando aqui assim... eh... “você não vê aí... já pensou se o mundo fosse” eh... “se... ficasse só as mulheres no mundo?”</p> <p>Acepção 4 (não ir além de)</p> <p>(4) foi interessante o que aconteceu comigo num tempo atrás... mas também foi triste... numa parte foi triste... interessante porque... eu:: eu tenho dois filhos... a minha mais velha está com seis anos... e eu não pretendia ter mais filhos... entendeu? era só ela e ia ficar só nela...</p> <p>Acepção 5 (permanecer ou continuar em determinada disposição de espírito ou situação)</p> <p>(5) ... aí você começa a ganhar bem... aí você pára e fala assim “não... estou bem pra caramba...” aí... fica naquilo a vida inteira...</p>
2		Indica mudança de estado. Pode apresentar valor de <i>tornar-se, vir a estar em determinado estado ou situação.</i>	Acepção 6: (6) Quando é que você vai defender sua dissertação e ficar mestre? (exemplo nosso)
3		Trata-se de um sentido diferente dos demais, por isso é observado separadamente: seu novo uso significa <i>namoro descompromissado</i> ”,	Acepção 7: (7) ele pegou e saiu com ela... ficou com ela... namorando ela..aquilo pra mim foi um choque..foi uma desilusão

Vejam, com mais detalhes, as diferenças entre os grupos de sentidos e as várias acepções que os compõem.

a) Grupo de Sentidos 1:

O grupo de sentidos 1 é caracterizado pela idéia de permanência e engloba o sentido básico espacial (permanência em um determinado espaço físico) e as acepções que implicam extensões metafóricas desse sentido básico, indicando um continuum de abstratização que vai do domínio do espaço para o tempo e, daí, para domínios mais abstratos.

A esse respeito é interessante mencionar a análise de Lakoff e Turner (1989), segundo a qual a metáfora estados são localizações constitui um elemento básico para a estrutura da cognição humana.

Vejamos um exemplo de cada um desses três níveis:

(8).a televisão fica assim num canto em cima... aí tem o som também que fica embaixo da televisão... (espaço)

(9) Ela não evoluiu. Ficou nos anos sessenta. (tempo)

(10) ... aí você começa a ganhar bem... aí você pára e fala assim “não... estou bem pra caramba...” aí... fica naquilo a vida inteira... entendeu? (domínios mais abstratos)

Entretanto, os três níveis que compõem o grupo de sentidos 1 até aqui apresentados parecem não dar conta de todas as nuances semânticas que caracterizam a polissemia de ficar. Vejamos, por exemplo, o trecho abaixo:

(11) meu quarto assim é::... o lugar onde é que eu mais gosto de ficar... é um quarto comum... vou descrever pra você... você pediu para eu descrever... né? é um quarto de pi::so ((riso)) antes era uma cama beliche... aí meu irmão mais velho casou... eu tirei a cama beliche... ficou com a cama de baixo...

Nesse caso, ao lado da noção de permanência, que se caracteriza pelo fato de o móvel permanecer no local, existe a idéia de que essa permanência é o resultado de o falante ter tirado a cama beliche. Em outras palavras, o verbo ficar parece absorver um sentido de consequência ou de resultado de uma atividade precedente, que nos contextos anteriores não apresentava. Observe outro exemplo retirado do corpus:

(12) você pega uma outra folha inteira... dobra no meio... aí você pega uma outra folha... corta uns pedacinhos pequenininhos... e cola no telhado... para prender na casa... nas paredes da casa... aí fica uma casa...

Estamos chamando esse valor de ficar de sentido resultativo, já que expressa a consequência de algo anterior. O termo foi retirado de Travaglia (1994), para quem a noção de resultatividade constitui uma noção não aspectual geralmente ligada ao aspecto verbal que, entre outros valores, indica o estado resultante de uma situação dinâmica que ainda não se concluiu.

Para compreendermos esse uso de ficar, devemos nos reportar às noções de perspectiva, escopo e recorte (Langacker: 1987), que são de grande importância no que diz respeito ao modo como o falante constrói uma determinada situação ou cena. Salomão (1990) chama atenção para a importância do papel que a perspectiva desempenha na estruturação semântica da linguagem humana. O conceito de perspectiva é central para a teoria dos frames semânticos, já que categorias lingüísticas são vistas como indicações de estruturas cognitivas, impondo a elas um recorte seletivo.

Percebemos que, no exemplo dado, a idéia de permanência está presente, mas o falante parece ampliar o escopo da cena, deixando de recortar apenas a permanência do objeto em um local ou situação, passando a relacionar essa permanência com uma situação anterior que a proporcionou. Estamos compreendendo escopo no sentido de Langacker (1987), que propõe que o escopo de uma predicação é definido pelas porções de uma cena que ela efetivamente inclui.

Processo análogo acontece em casos como o exemplificado abaixo:

(13) sueca é divertido por causa disso... né? uma dupla perde... aí entra outra... e... sempre fica:./ eu sempre fico na mesa... porque eu sempre ganho no jogo...

Novamente a idéia de permanência é clara, mas o verbo parece implicar uma expectativa de término do estado. Ficar aqui tem um valor de “não sair”, dentro de uma convenção de que quem ganha continua no jogo e quem perde sai. Novamente o falante abre o escopo da cena para incluir o movimento de

saída, fazendo-o parte do quadro que está querendo construir acerca do jogo de cartas chamado sueca. Estamos chamando de sentido progressivo esse uso de ficar. O termo progressivo não deve aqui ser compreendido como tendo valor de cursividade ou desenvolvimento gradual, como normalmente acontece nos estudos sobre aspecto verbal, mas com apresentando um valor de progressão, ou de algo que olha para frente e tende a avançar.

Assim, no quadro a seguir se podem ver as acepções de ficar relacionadas ao Grupo de sentidos 1 que se apresentam como extensões metonímicas associadas a um movimento, predominando, nelas, o valor estático, sendo distinto o foco dado ao momento que antecede ou sucede o movimento que levou o ser àquela condição de permanência. Observe:

	Grupo de sentidos 1	
êéresultativo	ê	êéprogressivo
Foco na cena estática, levando-se em conta o movimento que antecede a situação por se tratar de uma acepção que indica o resultado de algum tipo de operação desempenhada anteriormente: Ex: (14) aí meu irmão mais velho casou... eu tirei a cama beliche... ficou com a cama de baixo...	Foco na cena estática: Ex: (15) ... eu gosto de ficar no meu quarto... né? lá tem... a cama que fica encostada na parede... do lado da cama tem uma mesinha desse tipo de mesinha de cabeceira... né?	Foco na cena estática, levando-se em conta o movimento seguinte que levará a situação a um término de alguma forma esperado: Ex: (16) sueca é divertido por causa disso... né? uma dupla perde... aí entra outra... e... sempre fica:/ eu sempre fico na mesa... porque eu sempre ganho no jogo...

O quadro esquemático acima permite que se veja entre esses usos uma relação metonímica, desde que se compreenda, com Lakoff e Turner (1989), que esse tipo de relação se dá entre um elemento de um esquema e o esquema como um todo, ou entre elementos do mesmo esquema. Nesse sentido, pode-se observar, no quadro acima, um esquema de movimento, segundo o qual a idéia de permanência em um local ou estado é apenas um estágio de um movimento maior, podendo implicar um deslocamento anterior em direção a esse local ou estado e, por outro lado, um deslocamento posterior de afastamento em relação a esse local ou estado. Dentro dessa perspectiva, a relação entre permanência e aproximação/ afastamento em relação a esse local ou estado é metonímica. O interessante dessa visão é que ela passa um quadro dinâmico da referência (Langacker: 1987), já que o ato de permanecer é normalmente parte de um processo maior.

b) Grupo de Sentidos 2 (Verbo de processo):

O chamado grupo de sentidos 2 é constituído basicamente pela acepção de tornar-se, vir a estar em determinada condição, indicando, portanto, uma mudança de estado. Eis abaixo um exemplo dessa acepção:

(17) aí eu falei assim “como é que é a cachoeira? ela é assustadora?” ele falou assim “é por causa que todo mundo diz... que tem... um homem que morreu lá... um homem que/ ele passava limão... pra poder ficar deformado...”

Interessante ressaltar que, nesse contexto, o verbo ficar, por expressar a idéia de mudança de estado, está diretamente relacionado com o sentido resultativo, apresentado no grupo de sentidos 1. Observe o exemplo abaixo:

(18) ... já pensou se o mundo fosse” eh... “se... ficasse só as mulheres no mundo?

Acreditamos que a acepção tornar-se (mudança de estado) obteve do sentido resultativo, a idéia de “vir a estar em determinada condição como resultado de um processo de mudança de estado” através de um processo metonímico por tratar-se de um conceito individual com parte de um todo. Além disso, na conceptualização do sentido de tornar-se funcionou um princípio metonímico geral do tipo causa-efeito.

Foi observado, também, que, como verbo de mudança de estado, o ficar somente pode ocorrer através

da combinação com um “atributo”, funcionando como verbo relacional, como ilustrado a seguir:

(19)... no meu modo de ver... falando de novo... não fica assustada não... porque eu tenho mania muito de falar “no meu modo de ver... no meu modo de pensar...” sabe? minha mãe costuma até falar que eu sou... meio assim... meio político..

(20) meu pai estava andando... ele morava no outro lado da Penha... e:: ele estava passando por... por baixo da pa... da passagem subterrânea do trem... aí dois caras... um escuro alto... forte e um branco também alto... forte... esbarraram nele... e ele anda com aquelas capangas... aí:: a capanga caiu no chão... abriu... os documentos... dinheiro ficou tudo espalhado no chão... e eu/ ele abaixou pra... catar os documentos... quando ele abaixou... os caras falaram que era um assalto... aí pegaram o dinheiro..

c) Grupos de Sentidos 3:

A respeito do sentido 3, pode-se dizer que se trata de um sentido de caráter metafórico, que, possivelmente, se originou da transposição a um campo semântico específico da idéia de duração limitada ou ilimitada associada ao verbo ficar, ou seja, o domínio semântico que se mostrou particularmente propício a essa metaforização é o da duração. A opção pelo verbo ficar em lugar de namorar pode dever-se ao ponto de vista do qual o locutor considera a atividade que, neste caso, parece ser observada quanto à duração, apesar de já se apresentar com algumas nuances que diferenciam o uso atual de seu uso primeiro. Observe os exemplos a seguir retirados o corpus:

(21) uma amiga minha me contou... que foi uma viagem que a gente fez... e:: a gente viajou com... com/ eram/ tinham doze pessoas na casa... e um deles era filho de um deputado... tá? e/ só que ela... ela... ela::... tipo... estava nam/ começou a namo/ namorou não... ficou com o cara lá no carnaval

(22) ficou com ela... namorou e tudo... ela estava super feliz... super apaixonada... aí depois... ele foi... brigou com ela... depois de um mês de namoro... ele brigou com ela...

Como é difícil apresentar a origem específica desse novo uso, pois se trata de um estudo sobre o qual não se encontra material bibliográfico para consulta e pesquisa que auxiliem na corroboração das hipóteses levantadas, aventamos algumas possibilidades que possam ter levado ao surgimento desse sentido novo. A busca da expressão nova para uma situação nova motivou essa extensão semântica. A opção pelo ficar em lugar de namorar pode dever-se basicamente a dois fatos: em primeiro lugar, ficar, nesse contexto, constitui um sentido mais neutro do que namorar, noivar, casar ou transar, que já estão institucionalizados como representativos de situações de relacionamento estabelecidos socialmente. Isso faz do ficar uma oposição ao demais verbos citados; o termo que representa bem a realidade nova e menos compromissada que surge entre os jovens, refletores de uma sociedade de consumo em que maior status detém aquele que consome mais, buscando sempre estar “na moda”; jovens que crescem dentro de uma realidade em que as coisas não são feitas para durar muito, até mesmo para se estimular um maior consumo.

Mas por que se optou pelo verbo ficar para se expressar essa nova situação? Em nossa análise, isto se deve ao fato de o verbo ficar criar uma expectativa de término de estado, o que é perfeito para se expressar essa nova forma de relacionamento que pelo menor compromisso que implica, tende a não durar muito tempo. Aqui encontramos uma outra relação de semelhança por familiaridade entre esta acepção e o sentido progressivo apresentado no grupo de sentidos 1.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais conclusões a que chegamos versam sobre a comprovação da polissemia do verbo ficar, ou seja, sobre a extensão de seus usos marcada por processos metafóricos e metonímicos que o caracterizam como verbo pleno e auxiliar. Detectamos ser difícil tratar do fenômeno da significação, captar e especificar as propriedades dos contextos em que o ficar é empregado em cada uma das

acepções encontradas no corpus, selecionar que parâmetros permitem diferenciá-las, decidir sobre que tipos e graus de diferenças de sentido constituem ou não acepções distintas.

Porém, a comprovação, não só da existência, mas também da essencialidade da polissemia lexical, particularmente na visão defendida pela Lingüística Cognitiva, permitiu perceber que as acepções se relacionam através da semelhança por familiaridade. Com base nos comportamentos sintático-semânticos de ficar discutidos neste trabalho, corrobora-se nossa visão inicial de considerar o ficar um verbo polissêmico, uma vez que seus usos têm a mesma origem e não se distanciam no sentido, podendo-se perceber traços comuns entre eles.

Pôde-se perceber a existência, pelo menos parcial, de uma estrutura básica e do domínio que ela representa, surgindo, daí, outros empregos de ficar. Estes empregos compõem estruturas que, na escala de gramaticalização, vão do menos ao mais gramaticalizado, manifestando certas nuances semânticas que os inter-relacionam.

Das entrevistas usadas como corpus do trabalho, foram recolhidos 298 dados em que o verbo ficar aparece como pleno. Como foi visto no capítulo que trata da análise do verbo, foi feita uma divisão em 3 grupos menores. Após agruparmos as acepções que expressam a idéia de permanência, englobando o sentido básico espacial (permanência em um determinado espaço físico) e as acepções que implicam extensões metafóricas desse sentido básico, ou seja, indo do domínio do espaço para o tempo e, daí, para domínios mais abstratos, relacionados a situações da vida, percebemos que os três níveis que compõem o grupo de sentidos 1 não dão conta de todas as nuances semânticas que caracterizam a polissemia de ficar. Chegamos, então, a uma conclusão importante e, por assim, a contribuição do nosso estudo: as acepções de ficar relacionadas ao Grupo de sentidos 1 se apresentam como extensões metonímicas associadas a um movimento, predominando, nelas, o valor estático, sendo distinto o foco dado ao momento antecedente ou precedente do movimento que levou o ser àquela condição de permanência. Utilizamos, para chegar a essas conclusões, as noções de perspectiva, escopo e recorte de Langacker, que dizem respeito ao modo como o falante constrói uma determinada situação ou cena, i.e., o falante deixa de recortar apenas a permanência do objeto em um local ou situação e abre o escopo da cena para incluir os movimentos de chegada ou saída, fazendo-os parte do quadro que está querendo construir. Assim, defendemos que a idéia de permanência em um local ou estado que o ficar expressa neste contexto é apenas um estágio de um movimento maior, podendo implicar um deslocamento anterior em direção a esse local ou estado e, por outro lado, um deslocamento posterior de afastamento em relação a esse local ou estado.

Com relação ao Grupo de sentidos 2 em que o ficar apresenta-se como verbo de processo, indicando mudança de estado, concluímos que, através de um processo metonímico, esta acepção obteve do sentido resultativo do grupo de sentidos 1, a idéia de “vir a estar em determinada condição como resultado de um processo de mudança de estado”, i.e., indica o resultado de uma operação desempenhada anteriormente. Ficar triste pressupõe que algo o levou a esta condição.

Vale ainda comentar, por ser relevante para a compreensão da natureza das extensões de sentido do ficar, que a metáfora está presente em praticamente todas as acepções do verbo. Também vimos que, em vez de recursos meramente estilísticos, como são vistas na literatura tradicional, metáforas apresentam-se como instrumentos de compreensão de situações de experiência, permitindo que tais situações compreendidas por analogia a outras. Um tipo de acepção metafórica em que se pode ver a influência que as situações que uma palavra é usada para representar têm no sentido que tal palavra vai adquirindo é a acepção 7 (namoro descompromissado), ou seja, essa acepção especializada para uma situação bastante particular parece demonstrar que o uso dos recursos expressivos já disponíveis para a representação de novas situações é estendido.

Uma das propostas deste trabalho é defender a gramaticalização do verbo ficar. Encontramos no corpus dados que nos permitem tal defesa. Certas estruturações de que participa o ficar, em certos contextos, contêm acepções semânticas distintas, mais ou menos gramaticalizadas. Observou-se que o ficar apresenta níveis de gramaticalização: o ficar pleno com comportamento primordialmente lexical, o ficar funcional com comportamento léxico-gramatical, até chegar ao ficar auxiliar com comportamento gramatical.

No caso específico da gramaticalização do verbo ficar, questões metonímicas se mostraram particularmente importantes. Por isso mesmo, quando tratamos dos casos de gramaticalização, mencionamos mais os processos metonímicos do que os metafóricos.

A metonímia foi vista, neste trabalho, como um processo fundamental de extensão de sentido, permitindo que se estabelecessem conexões entre entidades que co-ocorrem numa determinada estrutura conceptual. Dentro de uma visão mais estrutural, compreendemos que a transferência metonímica é um mecanismo que predomina na mudança por gramaticalização. Esta constitui um processo estrutural de mudança de sentido.

Alcançou-se, portanto, o fim deste estudo com o seguinte resultado concreto: o ficar é um verbo polissêmico e certas estruturações de que participa, em certos contextos, contêm acepções semânticas distintas, mais ou menos gramaticalizadas. E baseados na certeza de que todo conhecimento científico pode (ou deve) ser repensado e reconstruído, não é dada por encerrada a discussão em torno da polissemia do verbo ficar.

Referência Bibliográfica

LAKOFF, G.. Women, fire and dangerous things. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George e TURNER, Marc. More than cool reason: a field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Pres. 1989.

LANGACKER, Ronald W. Foundations of Cognitive Grammar. Stanford, California: Stanford University Press. 1987. Volume I and II

.....A Linguagem e sua Estrutura. Petrópolis: Editora Vozes. 1972.

SALOMÃO, Maria Margarida M. s/d. Idiomaticidade e motivação cognitiva: a face-de-Jano da gramática. UFJF: Mimeo

----- . A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos, no 4. Juiz de fora: Editora da UFJF. 1999. 61-79.

SILVA, Augusto S. da A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e tecnologia. Tese de Doutorado. 1999.

TAYLOR, John R. Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory. New York: Oxford University Press. 1995.

TRAVAGLIA, L.C. O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão. Uberlândia: Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

VASCONCELOS, Zinda Maria C. de O processo da Expansão de Sentido e a Questão da (ir)representabilidade Semântica Tese de Doutorado. PUC/RJ

[1] Corpus Discurso & Gramática – seção Rio de Janeiro(UFRJ): produção oral de 68 informantes de 1º, 2º e 3º graus de escolaridade (33 alunos da 4ª série do 1º grau, 12 da oitava série do 1º grau, 15 do 2º grau e 8 de 3º grau).